

NIETZSCHE E A PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA

Nietzsche and construcionist perspective

*Carlos Roger Sales da Ponte*¹

Resumo

Este ensaio tem por base um confronto entre as considerações de Nietzsche em relação à construção do conhecimento e o movimento construcionista na Psicologia Social. Para Nietzsche, inspirado por Schopenhauer, o conhecimento é somente um meio de sobrevivência para a vida social e a linguagem, o instrumento estruturador que cria conceitos e metáforas que designam o que seja “verdadeiro” e “falso”. O construcionismo, por sua vez, se detém nas chamadas práticas discursivas. Estas práticas são veiculadas por discursos que promovem ações próprias que constituem sentidos jamais estanques. Tenta-se mostrar as semelhanças entre estes saberes acerca da linguagem compreendida como algo vivo e em eterno devir de sentidos vividos concretamente. Apesar destas aproximações, Nietzsche, contudo, ainda não poderia ser elencado como uma das influências do construcionismo, embora as afinidades.

Palavras-Chave: Nietzsche – Construcionismo – Linguagem – Conhecimento

Abstract

This essay has for base a confrontation between Friedrich Nietzsche’s intuitions and the construcionist movement in the Social Psychology. For Nietzsche, inspired by Schopenhauer, the knowledge it is only a middle of survival for the social life and the language, the instrument that it creates concepts and metaphors that designate what is “true” and “false”. The construcionism, for his time, stops in the discursive practical calls. These practices are transmitted by speeches that promote an own actions that they constitute senses never tight. Therefore, the aim of this article is to show the similarities among these you know concerning the language understood as something alive and in eternal becoming of senses lived concretely. Although these approaches, Nietzsche, however, not yet could be elenced as one of the influences of the construcionism, even so the affinities.

Keywords: Nietzsche - Construcionism - Language - Knowledge

¹ Psicólogo, Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Assistente do Curso de Psicologia da UFC (Campus de Sobral) e coordenador do VEREDAS (Círculo de Estudos em Fenomenologia, Existencialismo e Psicologia Humanista). Endereço institucional: Av. Lúcia Sabóia, 215. Centro. CEP: 62010.830. Sobral/CE. Brasil. E-mail: jardimphilo@yahoo.com.br

1 - INTRODUÇÃO

No segundo semestre de 2008 tive a oportunidade de assistir às aulas da disciplina de Seminário em Psicologia Social III (disciplina do Pós-Graduação em Psicologia da UFC), ministrada pelo professor Ricardo Mello. Lá pude tomar um contato mais próximo ao movimento construcionista, que é um dos modos de se pesquisar e fazer Psicologia Social.

Interessando-se pela linguagem e a formação de sentido como objeto de pesquisa para a produção de um outro tipo de conhecimento, este construcionismo tem várias vozes, tais como Kenneth Gergen, Tomás Ibánêz e Ian Hacking. Para este autor em particular a pesquisa verdadeiramente de cunho construcionista deve desnaturalizar os objetos, questioná-los em sua aparente inevitabilidade. Estes “objetos” são povoados de ideias que não estão aí desde sempre, mas habitam um determinado momento social que as engendraram como práticas discursivas.

O que chama atenção no construcionismo é sua insistência em se debruçar nestas práticas discursivas, nas quais os sentidos possíveis não estão dados desde sempre: tais sentidos são veiculados pelos discursos que promovem ações que lhe são próprias. Estas ações, bem entendidas, são constituídas de práticas sociais que fazem correr sentidos jamais estanques. Assim, é justo que os discursos sejam compreendidos como práticas discursivas que são passíveis de um procedimento de análise.

O discurso não é algo como um ente em si, uma coisa entre as coisas ou algo objetificável, mas a presentificação em movimento dos sentidos que o estruturam. Como presença, os sentidos vão se efetuando na construção daquilo que pode ser nomeado de acontecimento, não se separando dele.

Deste ponto de vista, a dicotomia entre discurso e ação não se justifica, posto que as práticas discursivas vão se fazendo como linguagem em ação, onde os sentidos emergem das relações sociais.

Em linhas bastantes gerais, a discussão do construcionismo se pauta, em parte, numa discussão epistemológica, especificamente em como se estrutura o conhecimento humano, a saber, como o humano, nas trocas discursivas em sua coletividade, descreve e explica o mundo em que vive? Para responder a esta questão fundamental, o construcionismo abdica de uma visão em que a “mente” humana “representa o mundo” que a cerca (o que implica na desconstrução do par dicotômico sujeito-objeto, se este sujeito for compreendido como autoconsciente e dominador da natureza, conforme construído na emergência da modernidade com suas filosofias da consciência e da subjetividade). Ademais, como o construcionismo se interessa pelo conhecimento compreendido como construção social, as categorias de “sujeito” e de “objeto” são elas também construções sociais. O mundo vivido é uma miríade de historicidade em constantes práticas sociais e suas trocas discursivas. Assim posto, a pesquisa e reflexão construcionistas trazem à baila, inclusive, a crítica desnaturalizante dos objetos do mundo (aspecto de implicações éticas), pois aquilo que existe, poderia nunca ter existido ou ter existido de outro modo. (Spink, 2004)

Meditando sobre as práticas discursivas, percebe-se aí a insinuação das provocações filosóficas de Nietzsche. Aí vem a pergunta óbvia: o que tem que ver uma coisa com outra? As temáticas nietzschianas e construcionistas, em princípio, parecem ser heterogêneas demais para que seja possível um diálogo.

Como os sentidos entrelaçam-se e desfazem-se continuamente em ações, apreendê-los não se fará por decifração, nem teorização acerca da linguagem como objeto ou como análise de conteúdo. Os sentidos subjazem a linguagem em movimento, mesmo em suas regularidades. Em vez de se debruçar em cima de “fatos”, a análise de construção de sentidos irá se deter na noção de acontecimento, na qual a multiplicidade da experiência será a matéria-prima das práticas a serem vistas.

Tais posicionamentos em muito lembram as considerações de Nietzsche acerca do perspectivismo e das relações de forças que se embatem numa luta constante.

Afinal, poderemos avaliar o que é ser palavra? É no uso delas que vamos saber se podem ser ditas ou silenciadas antes de serem proferidas. Este saber que pode avaliar encontra sua expressão melhor na polifonia de vozes, posto que a palavra não é solta nem independente, mas proferida por alguém de carne e osso, ou de papel (quando impressa), ou virtual (quando deixada à corrente da web)...

De todo modo, o que está em jogo é a linguagem e o modo de ser que lhe é específico. Nas práticas discursivas, entretanto, dispensa-se uma discussão sobre o que poderia ser a linguagem em sua essência (ela é muito mais processualidade independente e carregada de aspectos performáticos do que um objeto manipulável), uma vez que os pontos de vista são tantos e tão diferenciados que este debate se tornaria maçante: cada um sustenta o seu modo de entender a linguagem, a “Babel” está feita e, ao mesmo tempo, em construção. Nietzsche, por sua vez e bem semelhante, tem algo a dizer sobre a linguagem em sua performance e não se preocupa, também, com discussões essencialistas acerca da mesma.

A fim de que se possa estabelecer um ponto de contato entre a Filosofia nietzschiana e a perspectiva construcionista, será tecido rapidamente o ponto de vista de Nietzsche sobre a linguagem e o conhecimento para, em seguida, esboçar um pouco melhor as ideias que são centrais no construcionismo social.

Contudo, para colocar o enfoque de Nietzsche a respeito da linguagem é preciso retornar um pouco aos inícios de seu pensamento quando encontra a Filosofia de Schopenhauer, para justificar os posicionamentos nietzschianos.

Como é do conhecimento geral, Nietzsche, depois de deixar a Universidade de Bonn vai para a Universidade de Leipzig, seguindo os passos de Ritschl. Ali Nietzs-

che permanecerá de 1865 a 1868. Na contínua decolagem de qualidade dos trabalhos filológicos de Nietzsche, sua veia filosófica, que de certo modo já latejava em seu íntimo, encontrou uma via de livre acesso e um solo fértil para florescer depois da extasiada leitura de *O Mundo como Vontade e Representação*.

Nietzsche estava, então, com 21 anos quando viu os dois volumes do *Mundo* expostos na vitrine de uma livraria e ouviu de um demônio cochichando em seu ouvido lhe dizendo para levar aquele livro para casa. Assim o fez e passou as duas semanas seguintes lendo, ao mesmo tempo, com avidez e reservada meditação, mesclando uma atenção a si mesmo e o ficar ao piano tocando Schumann. Sentia-se com a alma leve e lavada: o contato com Schopenhauer lhe dera novo ânimo, pois tinha finalmente encontrado um mestre; um modelo.

De Schopenhauer, Nietzsche ficou com a marca mais profunda e nítida de um mundo totalmente irracional, trágico e sem marcas de uma presença divina. Não foi à toa que, alguns anos mais tarde, em 1876, Nietzsche escreveu um ensaio a respeito deste filósofo que tanto lhe marcou intitulado *Schopenhauer como educador*. Embora não compartilhasse de todas as ideias do filósofo de Frankfurt (que preferiu seguir a via do pessimismo prático), este ensinou-lhe a julgar a vida a partir de si mesma, ou seja, a existência tem valor em si mesma e a vida é o a priori supremo. Nietzsche, é claro, construirá sua Filosofia que afirma a vida em vez de deixar-se massacrar por ela; prefere o amor fati ao pessimismo. (Brum, 1998)

Além deste ponto de vista, Nietzsche também apreendeu de Schopenhauer o quanto o papel da consciência e da razão é muito restrito para um conhecimento abrangente do mundo, sendo que o intelecto não passa de um instrumento da Vontade a fim de promover a autoconservação do humano e da espécie. Por outros termos, em ambos os filósofos, a teoria do conhecimento é utilitarista. Prova disso, é o pequeno texto póstumo escrito (mas não concluí-

do) por Nietzsche em 1873, chamado Sobre a Verdade e Mentira no sentido Extra-moral onde ele desenvolve brevemente estas ideias. É tomando por base este texto que o ponto de vista nietzschiano sobre a linguagem pode ser compreendido como discurso e de caráter performático.

Ditado ao amigo Karl Gersdorff em 1873, Nietzsche pensa nas ciências como fontes de acesso a uma valorização conhecimento despojado de metafísica. E é neste texto que se encontra uma certa “epistemologia nietzschiana”. Todavia, segundo Machado (2002), “a análise de Nietzsche nunca se situa em um nível epistemológico, que teria por objetivo estabelecer critérios de demarcação ente o verdadeiro e o falso conhecimento” (p. 38). Isso justifica o uso de termo Extra-moral, pois o que está em jogo é a construção do que se convencionou chamar de verdade e mentira sem que se possa apelar para nenhuma tradição filosófica metafísica ou tendo por trás algum padrão moral vigente. Nietzsche toma por valor de referência a ilusão para criticar o impulso ao conhecimento. Não há oposições entre verdades e mentiras a priori da vivência humana: foi a partir desta vivência que o humano criou suas dicotomias, suas verdades e não-verdades. Elas não caíram do céu prontas para serem usadas e manuseadas.

Neste breve texto, Nietzsche usa e abusa de uma escrita metafórica bem ao gosto da fabulação. Para falar da verdade, é preciso falar da linguagem. Mas em vez de falar sobre, prefere usar dos aspectos performáticos da linguagem criadora de metáforas: utiliza-se de imagens em vez de uma longa construção conceitual que se tornaria pesada e que acabaria por dizer pouco.

Prova disso é o início do ensaio onde ele fala de “animais astuciosos que inventaram o conhecimento” que viviam em um astro iluminado por um sol. Mas este astro congelou-se e os animais tão inteligentes tiveram de morrer (Nietzsche, 2008, p. 25). Este modo diferente de se iniciar um texto foi só para dizer o quanto o intelecto é algo efêmero dentro da natureza, servindo tão-

somente como meio de dissimulação para a conservação da espécie, já que somos desprovidos de garras e dentes afiados. A “arte da dissimulação” (Nietzsche, 2008, p. 27) permeada pela linguagem já é em si um dissimular: serve para enganar, mentir, representar, buscar consensos, criar e aceitar convenções que permitam a vida social.

Na vida em grupos, assim constituída por esta “arte”, pouco a pouco vai se constituindo um “impulso à verdade”. Este “impulso” nada mais é do que a criação de critérios verdadeiros que devem ser válidos a todos para que os humanos possam conviver em paz no seu rebanho. Assim, verdade nada mais é que criação de um acordo para tornar a vida possível (Nietzsche, 2008, p. 29).

Segundo Nietzsche, o mentiroso é aquele que transgride os acordos ao bel prazer, agindo “de uma maneira individualista e ainda por cima nociva”; assim sendo, a sociedade “tratará de excluí-lo” (Nietzsche, 2008, p. 30). Isso só mostra o quanto o humano deseja somente os aspectos confortáveis da verdade, virando as costas para os aspectos possivelmente dolorosos ou destruidores de seu conforto. Para Nietzsche, as coisas e a linguagem não são assim tão simétricas em suas designações mútuas. Se alguém pensa na verdade como adequação da palavra à coisa mencionada como se a linguagem fosse apenas mera descrição do mundo; é por esquecimento que assim o faz. Como já se acostumou à sua vida de rebanho atrás da cerca, continuará a “permutar eternamente ilusões como verdades” (Nietzsche, 2008, p. 30) e viver satisfeitamente com elas.

Nietzsche afirma que a vida de linguagem dos humanos é criação de metáforas por cima de metáforas que nunca atingem o âmago do mundo em si mesmo. Segundo ele “acreditamos saber algo acerca das próprias coisas, quando falamos de árvores, cores, neves e flores, mas com isso, nada possuímos senão metáforas das coisas que não correspondem, em absoluto, às essencialidades originais” (Nietzsche, 2008, p. 33s).

Por este percurso metafórico, de jeito nenhum as palavras teriam algo a ver com as “essências das coisas”. Para chegar a uniformizar o mundo, ou para torná-lo ao menos um pouco mais compreensível, veja como se procede à formação dos conceitos: não passam de uma “igualação do não-igual” (Nietzsche, 2008, p. 35). Por outras palavras, os conceitos anulam as diferenças individuais das coisas do mundo, lembrando as Ideias platônicas como modelos para nomear e identificar o real.

Em Nietzsche, nunca as palavras em seus usos e conceitos conseguiriam atingir o âmago do mundo, sua natureza essencial “inacessível e indefinível” (Nietzsche, 2008, p. 36). Aqui se pode perceber outro eco de Schopenhauer: este filósofo considerava a Vontade como o fundo irracional e vivo do mundo; coisa-em-si passível de ser conhecida muito mais pela experiência da arte (em especial a música) do que pelo conhecimento representacional como é, por exemplo, o uso de conceitos para falar de uma essência última do mundo. Isso se confirma quando Nietzsche ousa colocar um novo conceito de verdade que é bem subversivo, mas coerente com sua visão. Para ele:

O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como metal. (Nietzsche, 2008, p. 36s)

Pelo fato há tanto tempo esquecido das situações primitivas nas quais viveu, da necessidade surgida de querer viver e conviver como seus semelhantes de modo a não incorrer numa situação de conflito mortal, isso fez o humano tomar nas mãos

suas vivências originárias, mediante seu intelecto que só serve para a sobrevivência, e coloca-las em camisas de força conceituais e metafóricas, considerando-as como verdades mais verdadeiras do que aquelas vivências. O humano esqueceu o fundo irracional sobre o qual construiu seus edifícios conceituais para ordenar o mundo. Nietzsche chega mesmo a comparar as formações organizadas dos conceitos com as “teias de aranha”, isto é, “suficientemente delicada que possa ser levada pelas ondas e firme o bastante para não ser despedaçada pelo vento” (Nietzsche, 2008, p. 39).

Ainda bastante influenciado pela metafísica do artista schopenhauriana, isto é, “a concepção de que a arte é a atividade propriamente metafísica do homem, a concepção de que apenas a arte possibilita uma experiência da vida como sendo no fundo das coisas indestrutivelmente poderosa e alegre, malgrado a mudança dos fenômenos” (Machado, 2002, p. 29), Nietzsche só enxerga esperança para o humano, inventor de metáforas como ele é, na experiência também metafórica da arte: o intelecto fica livre de suas funções de sobrevivência para exercer-se na atividade artística, e o humano racional pode experimentar sua dimensão intuitiva de vez em quando.

São com estas considerações sobre a função salvífica da arte que Nietzsche termina seu texto. Daí advém a seguinte pergunta: em que estas reflexões acerca da linguagem e da verdade têm a ver com o estudo das práticas discursivas pela perspectiva Construcionista?

No construcionismo, os sentidos são presença: eles sempre se manifestam nas práticas e por meio delas; sendo concebidas como uma apresentação, isto é, uma ação apresentada e que passa fazer sentido para nós. Como eles se formam no estofado das relações sociais, os sentidos são constituídos na dinâmica dialógica. Isso não significa que os sentidos sejam da posse deste ou daquele humano. Os sentidos sempre são frutos de uma coletividade, de um modo ou de outro; e de múltiplas “vozes” (o que não significa que estas vozes sejam de humanos

de carne e osso, mas qualquer tipo de produção social que veicule sentidos mediante discursos).

Os sentidos nem sempre são transparentes: também os interditos, os silêncios, as lacunas são modos de expressão pelo que fica do não-dito. Mas o silêncio é prenhe de fala e sentidos novos. São jogos de poder (relações de força, diria Nietzsche) que fazem veicular o “verdadeiro”, o “falso” e o silêncio. Não faz sentido falar em busca de sentidos “verdadeiramente verdadeiros” ou quais não são. Os sentidos são ações em que ideias e afetos inter-relacionados veiculam-se de modo dialogal, o que os marca como nunca-fechados, sempre em aberto e construindo-se. Incrivelmente semelhante a Nietzsche, para a perspectiva construcionista os sentidos são polissêmicos e lutam entre si disputando a própria hegemonia em se dizerem, de se expressarem.

Sendo o discurso sempre uma multiplicidade que pode ser despedaçado, refeito, transformado por mil outras vozes, os sentidos também seguem esta mesma destinação. Querer congelá-los seria o mesmo que querer pular por sobre a própria sombra. A pesquisa construcionista se faz no confronto e fugacidade de discursos que se dispersam como palavras ao vento: estão aqui... não estão mais... Mesmo assim, não puro relato, mas interpretação. A propósito da moral, Nietzsche dizia que não existem fatos morais, mas interpretações morais dos fenômenos, o que é bem diferente. O pesquisador do movimento construcionista se insinua aí: contribui com seu sentido, seu valorar, seu interpretar. Ele se deixa impactar pelo acontecimento de sentido que se impõe a ele, dando ao discurso a possibilidade de expressão. O pesquisador vivencia a acontecência. Ele se deixa falar apenas no inacabamento do fragmento, posto que os sentidos terminam sempre indo para além deles mesmos como a infinitude própria do devir humano, hùmus dos sentidos a expressarem-se.

Nestas acontecências pode-se assumir uma postura que Mary Jane Spink, psicóloga a pesquisadora construcionista,

chama de reflexividade: este poder exercer a liberdade de rever e construir conceitos novos acerca destes acontecimentos prenes de sentidos que querem vir à luz. (Spink, 2004)

É esta reflexividade, digamos, que está na base da investigação construcionista que pretende explicitar os processos de como os humanos descrevem e explicam o mundo. Este modo de conhecimento, contudo, deve ser compreendido de modo um pouco diferente: não é representação do mundo, mas algo construído pelos humanos vivendo juntos; que não existem objetos “naturais” independentes de nossa visada e que estão por aí soltos no mundo esperando por nosso interesse. O Construcionismo quer, conforme já foi mencionado, desnaturalizar os objetos. Por outros termos, o construcionismo preza por uma postura “que radicaliza ao máximo a natureza social do nosso mundo vivido e a historicidade de nossas práticas” (Spink, 2004, p. 22). O conhecimento é uma construção social.

Em Nietzsche, como se pode depreender de suas reflexões, o conhecimento, compreendido como o resultado da dissimulação do intelecto, não poderia ser visto como um bloco de granito transcendente e estabelecido de uma vez por todas. O filósofo entende que o conhecimento é, antes, uma criação para a sobrevivência do humano de um determinado tempo e lugar, sendo algo provisório e circunscrito; inclusive confirmando um pouco a tese da construção social do conhecimento como produto de interações sociais, embora o próprio Nietzsche não fosse um profundo conhecedor dos aspectos sociológicos do humano e nem se interessasse tanto por esta temática. Resulta daí o comentário de Spink (2004) quando afirma que, no Construcionismo, “a verdade é a verdade de nossas concepções, de nossas instituições, de nossas relações, de nossos acordos sociais” (p. 24), libertando-se do que foi institucionalizado numa “essência” indiscutível.

Tanto no Construcionismo como na Filosofia nietzschiana, existe um grande relativismo e ceticismo diante do mundo com

seus aspectos socialmente instituídos. Estes aspectos poderiam não ter existido desta forma como existem. Ou poderiam não ter mesmo existido! A atitude cética e relativista é saudável para quem vê o mundo em perspectivas.

Portanto, é com justeza que podemos aproximar as teses nietzschianas da linguagem e do conhecimento com a noção Construcionista das práticas discursivas se as entendermos como “as maneiras pelas quais as pessoas, por meio da linguagem, produzem sentidos e posicionam-se em relações sociais cotidianas” (Spink, 2004, p.40). Este pode ser um ponto de partida interessante para confrontos epistemológicos e de influências mútuas, guardando-se os limites dos respectivos discursos, uma vez que aqui sugere-se um diálogo entre Filosofia e Psicologia, o que sempre é uma temeridade e geradora de tensões em ambos os lados se não houver prudência no trato com as mesmas.

Não se está aqui afirmando, com estas poucas palavras, que Nietzsche seria um antecedente epistemológico que foi esquecido por todos os psicólogos construcionistas (o nome de Nietzsche não figura em nenhum texto estudado para este ensaio). Apenas se quis mostrar o quanto a Filosofia nietzschiana também denuncia o quanto o discurso é sempre uma multiplicidade que devém, não podendo ser congelada em sua destinação originária em cadeias conceituais rígidas. Nietzsche poderia ser uma leitura complementar (principalmente o texto *Sobre a Verdade e Mentira*) e provocadora de reflexões para que não se esqueça destes importantes aspectos do discurso e do conhecer.

Nietzsche era, segundo ele mesmo, um psicólogo que tinha interesse nas formas de como se expressa, nos diversos tipos humanos, a vontade de poder. Ele não era sociólogo, nem um psicólogo social. Porém, não deixa de ser um instigador e inquietante filósofo que, com suas insinuações sobre nosso modo de viver comportado, critica nosso modo de ser “rebanho”. Nietzsche nos sugere sair deste marasmo e

desnaturalizar a vida para que ela consiga potencializar-se e expressar seus sentidos. E que estes façam sentido para nós.

2 - REFERÊNCIAS

- Brum, J.T. (1998). *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Machado, R. (2002). *Nietzsche e a verdade*. 2a ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Nietzsche, F. (2008). *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*. São Paulo: Herdra.
- Spink, M.J. (2004). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Porto Alegre: EDI-PUCRS.

3 - BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Mello, R.P. (2006). *A construção da noção de abuso sexual infantil*. Belém: EDUFPA.
- Menegon, V.S.M. (2006). *Entre a linguagem dos direitos e a linguagem dos riscos: os consentimentos informados na reprodução humana assistida*. São Paulo: EDUC.
- Morey, M. (2005). *Friedrich Nietzsche: uma biografia*. São Leopoldo: Editora Unisinos.